


Cadernos  
**IHU** *ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 393 | vol. 24 | 2026



**Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço  
geográfico no reino da economia global**

Guilherme Tenher Rodrigues

**Cadernos**  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 393 | vol. 24 | 2026

**Paradigma tecnocrático em  
cesuras e o espaço geográfico  
no reino da economia global**

**Guilherme Tenher Rodrigues**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
- UFGRS e integrante da equipe do Instituto Humanitas Unisinos - IHU



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 393 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Solomon Nikritin. Ovale Komposition. Anos 1920.

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global

Guilherme Tenher Rodrigues

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e integrante da equipe do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

*Texto elaborado a partir da fala "Paradigma tecnocrático: a economia de costas para a ecologia" realizada virtualmente, pelo CEPAT, no dia 17/05/2025.*

**A**gradeço imensamente pelo convite para participar do ciclo Tecnologia e Ecologia: rupturas e imbricações, especialmente aos colegas André e Jonas, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT), parceiros fundamentais do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Meus estudos sobre geografia e técnica partiram de um texto provocador sobre cosmotécnica, de Yuk Hui, traduzido pelo CEPAT. Expresso aqui

meu profundo agradecimento a vocês e ao trabalho tão relevante que desenvolvem no campo político e social. É uma honra ser lembrado e fazer parte deste evento.

“Paradigma tecnocrático: a economia de costas para a ecologia” é um tema que intimida pela sua complexidade e amplitude. Aceitei humildemente o desafio de articular as discussões que acompanho quando o debate recai nas searas colossais da técnica, economia e ecologia. A inescapabilidade e capilaridade destes temas no nosso cotidiano possibilitam uma infinidade de ângulos analíticos e, evidentemente, o conteúdo a seguir é apenas uma miudeza deste universo transdisciplinar.

Logo, a partir da proposta ampla entalhada no título da conferência, formulei como objetivo a apresentação e defesa de alguns pontos transversais com base em estudos e autores diversos que refletiram (ou ainda refletem) sobre a problemática tecnológica. E, a partir dela, tecer alguns comentários sobre as implicações econômicas a ela relacionadas. Esses tópicos, evidentemente, não pretendem explicar a totalidade da realidade que vivemos, até porque, em primeiro lugar, esse não é o propósito da minha fala e, em segundo, abarcar a complexidade da conjuntura nacional e internacional é uma tarefa impossível de ser realizada. Trata-se, na verdade, de aventar características tanto estruturais quanto emergenciais do nosso tempo, características que podem suscitar um bom debate. Vamos às afirmações disparadoras deste debate.

O primeiro ponto: o período em que vivemos é marcado pela intensificação de características da modernidade; um período que chamo, provisoriamente e sem qualquer pretensão canônica ou taxonômica, de

**período ultramoderno.** Essa intensificação surge como uma resposta reacionária ao esgotamento da sociedade de mercado, que, segundo Daniel Feldmann (2025), representa um mundo em que os recursos se tornam escassos; a renda não é distribuída conforme prometida pela fábula da globalização neoliberal disseminada a partir dos anos 1990; e nem todas as mercadorias, sejam produtos, sejam serviços ou força de trabalho, conseguem ser vendidas, isto é, realizadas no circuito de reprodução capitalista.

Segundo: vivemos um tempo de recrudescimento, no qual a violência é utilizada como vetor de acumulação de capital e de controle territorial, com vistas à manutenção da hegemonia global.<sup>1</sup> Trata-se, também, de um período de **fechamento psicoférico e tecnosférico**, isto é, de um projeto (psico)político de oclusão de possibilidades técnicas e territoriais, que se manifesta também por meio da escassez (ou do afunilamento) das possibilidades de escolha quanto ao imaginário político e às formas de conceber, se relacionar com e organizar a materialidade: o realismo capitalista impera e coloniza, para utilizar uma expressão mais contemporânea, a capacidade imaginativa e material dos movimentos políticos e sociais.

Terceiro: esse fechamento, também presente na ordem cultural e estético-filosófica, caracteriza-se pelo ressentimento e pela erosão social, manifestando-se, inclusive, em uma nostalgia infantilizante, como se observa em certos discursos políticos, bem como pelo culto à tecnologia por meio do tecnossolucionismo e, especialmente, nos usos do conhecimento técnico orientados pela dominação cultural e pela exploração

<sup>1</sup> Para quem se interessa sobre a relação entre capital e território, ver: ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: Unesp, 2006.

de recursos naturais em escala global. O setor de tecnologia da informação é, inegavelmente, dominante e retoma uma política de poucos para poucos, característica que pulsa dentro do paradigma das *Big Techs*, um modelo socioeconômico oligopolizado na sua essência, nos seus métodos e nos seus objetivos.

Quarto: a economia, a de característica ortodoxa, como (re)apresentada em sua forma recente, isto é, no ideário neoliberal, ensinada, intersubjetivada no discurso midiático e apropriada pelo senso comum, não é interpretada por mim como uma ciência pautada na observação sistemática, na empiria e na atualização a partir da realidade social e ecológica (*eco+nomia*). Veja-a, antes, como um conjunto de técnicas de dominação socioambiental que operam em diferentes dimensões da vida, tornando-se, portanto, um componente nevrálgico para o funcionamento tecno e psicossférico do realismo capitalista. Para fins desta discussão, destaco particularmente a atuação dos aspectos econômicos no nível do **espaço geográfico**.

Para elaborar um pouco mais sobre essas afirmações, irei destrinchar esses quatro pontos a partir da técnica e de suas cesuras. Considerarei aqui *técnica* como um meio entre o humano e o mundo: o humano metaboliza o exterior, nega-o, artificializa-o e mecaniza-o. Já as *cesuras* são, para a tecnologia, o que a revolução é para a política. A cesura é uma ruptura nos sistemas tecnológicos capaz de alterar a cognição, as narrativas, a sociabilidade, a materialidade, os lugares e as normas.<sup>2</sup> Para fins deste debate, considerarei

---

2 A definição de cesura aqui empregada inspira-se na noção proposta por Peter Sloterdijk, também utilizada por Rodrigo Petronio no curso "Possíveis Cenários para a Humanidade" realizado pela Casa do Saber.

três cesuras: a modernidade, a revolução industrial e o paradigma recente da inteligência artificial, todas inter-relacionadas, seja por certa progressão cronológica, seja pelos seus encapsulamentos, nexos internos de funcionamento e de possibilidade de relação umas com as outras.

## **1ª CESURA: A DUPLA FRATURA DA MODERNIDADE E A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA**

**N**osso problema já começa com as cisões primordiais do paradigma moderno. Segundo Malcom Ferdinand (2022), engenheiro ambiental e filósofo, a modernidade carrega uma dupla fratura: ambiental (entre cultura e natureza) e colonial (envolvendo racismo, eugenia e hierarquização entre os povos). Essa dupla fratura pode ser capturada na fala de 1962 do antropólogo Claude Lévi-Strauss (*apud* Bensusan, 2023, n.p.):

Começou-se por cortar o homem da natureza e constituí-lo como um reino supremo. Supunha-se apagar desse modo seu caráter mais irrecusável, qual seja, ele é primeiro um ser vivo. E permanecendo cegos a essa propriedade comum, deixou-se o campo livre para todos os abusos. Nunca antes destes últimos quatro séculos de sua história o homem ocidental percebeu tão bem que ao arrogar-se o direito de separar radicalmente a humanidade da animalidade, concedendo a uma tudo o que tirava da outra, abria um ciclo maldito. E que a mesma fronteira, constantemente empurrada, serviria para separar homens de outros homens, e reivindicar em prol de minorias cada vez mais restritas o privilégio de um humanismo, corrompido de nascença por ter feito do amor-próprio seu princípio e noção.

Revisitarei a modernidade mais tarde, trazendo algumas contribuições de David Harvey. Todavia, muitos dos pontos a seguir ecoarão, à sua maneira, essa dupla fratura. O que podemos afirmar desde já é que a modernidade se caracteriza por esta dualidade ontológica, metafísica; pela cisão e pela dominação; por um modo de ser supremacista, hierarquizante que molda os sistemas técnicos a quantificarem e classificarem o que se conhece por mundo, convertendo este em planos cartesianos, cartogramas e inventários a serviço da acumulação material de certos povos e territórios em detrimento de outros. Essas fraturas apontam simultaneamente para um problema metodológico na economia: a planificação do mundo e a falta de análise espacial. E é por esta razão que acredito que o **espaço geográfico** e o **meio técnico-científico-informacional**, conteúdo atual do espaço, são elementos importantes para uma renovação da análise econômica, bem como fundamentais para explicar, por meio da técnica e do trabalho, a manutenção da dupla fratura da modernidade ao longo do tempo.

A dimensão espacial recebeu pouca atenção na teoria econômica, embora esteja presente pontualmente em algumas análises, como nos estudos de ciência econômica regional e urbana, na teoria ricardiana e em outras abordagens da economia política, ou ainda na equação da produção (terra ou matérias-primas, capital e trabalho). Entretanto, um estudo aprofundado sobre as “externalidades” das atividades econômicas (que nada mais são do que as relações e os impactos no meio circundante), assim como seus processos de espacialização, ainda carece de sistematização e debate na economia dita tradicional.

Para contribuir com nossa discussão, apresento uma versão muito resumida sobre a noção de espaço geográfico, desenvolvida pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, que pode servir de inspiração para análises econômicas mais sensíveis aos movimentos do capital na organização territorial.

Acredito que um caminho importante para colocarmos a economia de frente à catástrofe ecológica (e não de costas, como ocorre atualmente) é introduzir uma análise mais espacialista e, posteriormente, geográfica na problemática do capital.

Ao buscar entender a natureza do espaço, Santos (2017) constrói sua compreensão a partir de três perspectivas. A primeira é entender o espaço como um dado que apresenta, de um lado, as relações sociais e, do outro, uma configuração territorial composta por complexos naturais e acréscimos humanos, ou seja, o conjunto do produto social e natural de uma paisagem que, ao longo da história humana, tende a negar sua condição natural por meio da criação de objetos cada vez mais artificiais (e artificializantes), que se arqueiam como verdadeiras próteses junto à natureza.

A segunda abordagem é compreender o espaço por meio da relação entre fixos e fluxos e de como esses auxiliam ou impedem o processo de acumulação de riquezas e movimentos demográficos (a dinâmica da distribuição e reprodução do ecúmeno).

Por fim, de maneira definitiva e como terceira abordagem, Santos (2017) postula que o espaço geográfico é um sistema de objetos e um sistema de ações em um conjunto de relações indissociáveis, contraditórias

e solidárias. Essas relações, por sua vez, são mediadas pelas técnicas e capturadas pelas categorias analíticas de forma, função, estrutura e processo.

Para Santos (2017, p. 115), “as épocas se distinguem pelas formas de fazer, isto é, pelas técnicas. Os sistemas técnicos envolvem formas de produzir energia, bens e serviços, formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução”. Para este pensador, a conjugação entre técnica e ciência, nos moldes praticados a partir do século XVIII, beneficiou desproporcionalmente a produção global de bens e serviços, por meio da rapidez e da dimensão da difusão (mercado global), da ubiquidade e aceleração do progresso tecnológico, bem como de sua indiferença às especificidades territoriais. Em sua reflexão, ele aponta:

A tecnologia atual se impõe como praticamente inevitável. Essa inevitabilidade tanto se deve ao fato de que sua difusão é comandada por uma mais-valia que opera no nível mundial e em todos os lugares, direta ou indiretamente, quanto em razão da formidável força do imaginário correspondente (Gras & Poirot-Delpech, 1992), que facilita sua inserção em toda parte. Praticamente inevitáveis, as tecnologias contemporâneas tornam-se, também, irreversíveis. [...] Mas, em termos... Sua irreversibilidade advém de sua factibilidade. Ainda que fosse possível abandonar algumas, técnicas como modo de fazer, permanecem aquelas que se impuseram como modo de ser, incorporadas à natureza e ao território, como paisagem artificial. Neste sentido, elas são irreversíveis, na medida em que, em um primeiro momento, são um produto da história, e, em um segundo momento, tornam-se

produtoras da história, já que diretamente participam desse processo (Santos, 2017, p. 181).

A tensão entre a globalização, tal como se apresenta, sujeita à mais-valia global e aos oligopólios e monopólios em diversos setores econômicos – especialmente naqueles ligados à tecnologia da comunicação –, e a especificidade do tecido socioambiental das diferentes localidades do planeta exigem que a análise recaia sobre os territórios e seus usos.

Essa globalização, na perspectiva miltoniana, é apresentada como um processo que fragmenta o território, cria desigualdades e enfraquece as solidariedades locais. Ele passa a denominá-la como “globalização perversa”, que opera como uma fábula por meio da ideologia do que hoje se chama de neoliberalismo e da “democracia de mercado”, as quais priorizam interesses consumistas, egoístas e competitivos.

O ingresso das ideologias neoliberais nos territórios é também um produto do nosso meio técnico-científico-informacional. Para Santos (2004, p. 21), “vivemos numa época em que o superestrutural se adianta ao estrutural, não somente para preparar o seu advento, mas também para determinar-lhe os contornos”.

Em linhas gerais, na contemporaneidade, a superestrutura (ideologia) precede e influencia a infraestrutura (base econômica e material) e por isso a informação, sua estrutura e processo comunicacional (coleta, sistematização e distribuição) se tornam centrais para a coordenação da produção, da distribuição, circulação e do consumo material e de serviços nos/dos mais longínquos e diferentes territórios.

O movimento contraditório do contexto socioeconômico globalizado atual pode ser representado por diversas dimensões. Uma delas é o esquema dialético renovado a partir de Fiori (2000): capital global *versus* condições socioambientais do trabalho; e globalidade dos fluxos *versus* territorialidade e autonomia da gestão pública dos bens comuns.

A globalização contemporânea também pode ser expressa como a relação complexa entre verticalidades: normas, informações, sentidos e investimentos que chegam de outras partes do globo nos territórios (verticalidades que são normalmente entrópicas, isto é, causam desordem em uma configuração territorial pré-existente) e as horizontalidades, ou seja, a relação dialética e contígua entre objetos e atores do cotidiano.

## **Globalização, colonização, divisão territorial do trabalho e o afunilamento da escolha**

**N**osso tempo e espaço globalizados são marcados pela unicidade das técnicas e pela conversão dos tempos de produção.

Em muitos estudos, considera-se imediatamente a divisão do trabalho como um elemento essencialmente social, pois implica um sistema jurídico de propriedade dos meios de produção e da luta pela qualificação progressiva das condições da força de trabalho que, segundo a leitura de Engels e Marx (2002), se organizaram historicamente através das classes sociais.

Ampliando esta análise, observa-se que a divisão do trabalho também implica um problema territorial, pois permeia sistemas de poder de múltiplas naturezas (social, política, jurídica e econômica) responsáveis por ditar os usos do território.

Outro ponto está relacionado com a escala da divisão do trabalho. Nela, podem ser considerados o comércio, a manufatura e a grande indústria como processos acumulativos e recursivos de eliminação das “esferas menores” de produção e da extensão geográfica de determinados sistemas técnica, política e economicamente unificados.

Neste sentido, vemos que “quanto mais o isolamento primitivo das diversas nações é destruído pelo modo de produção aperfeiçoado, pela circulação e pela divisão do trabalho entre as nações que disso espontaneamente resulta, tanto mais a história se transforma em história mundial” (Engels; Marx, 2002, p. 47).

A unificação, ou unicidade, das técnicas e dos trabalhos é também uma forma de analisar o processo colonial: processo longo e violento, composto por guerras, invasões e diferentes tipos de imposições dos conquistadores sobre os conquistados.

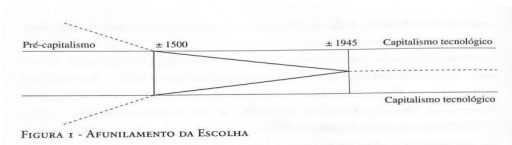
Segundo Santos (2017), o início da história social era marcado por tantos sistemas técnicos quantos eram os lugares existentes. Em outras palavras, a escala local determinava as relações sociais, as relações de trabalho, as relações com a natureza e os demais produtos técnicos dos grupos que ali habitavam.

Ao longo da história, as trocas entre os grupos e, sobretudo, as desiguais, acabam por impor a certos grupos as técnicas de outros. [...] É assim que conjuntos inteiros ou pedaços de técnicas se incorporam a outros pedaços mudando-lhes os antigos equilíbrios e acrescentando elementos externos às histórias até então autônomas. Tais invasões, misturas, e composições acabam por reduzir o número de sistemas técnicos. E a cada novo movimento, consagrando fusões, supressões e integrações. O estoque de sistemas técnicos fica menor, na medida em que as trocas entre grupos se intensificam e se ampliam geograficamente, envolvendo um número crescente de sociedades e territórios. A criação das economias-mundo de que fala F. Braudel é um momento muito importante nessa evolução. A partir do século XVI, com a expansão do capitalismo, cria-se a possibilidade de trocas intercontinentais e transoceânicas, de plantas, de animais e de homens, com seus modos de fazer e ser. As técnicas particulares tendem a se contaminar mutuamente (Santos, 2017, p. 190).

O processo de escolha a que Santos (2017) se refere é, na verdade, o próprio processo de consolidação do capitalismo como sistema globalmente vigente. A globalização hoje, entendida como a operação do sistema capitalista no meio técnico-científico-informacional, pode ser interpretada também como o movimento de unicidade do tempo (por meio da digitalização da vida), da unicidade da técnica (com a informação como base organizacional da sociedade) e da unicidade do motor da vida econômica e social (processo contemporâneo de financeirização na economia e na política) (Santos, 2017; Ruiz, 2021).

O progressivo afinilamento da escolha de outros sistemas técnicos pode ser observado na figura a seguir.

Figura 1 - Afinilamento da escolha segundo Milton Santos



Fonte: Santos (2017, p. 192).

Tal movimento unificante também foi apontado por Doreen Massey (2007), geógrafa britânica, como um dos principais elementos problemáticos da história da modernidade. Nele, as culturas e seus espaços de existências são isomorfizadas e transformadas em espaços de fluxos. A perda de autonomia dos povos e a cisão entre espaço e sociedade são heranças nefastas deste processo de globalização. As relações sociais de cada lugar e suas estruturas de poder são radicalmente modificadas com os processos (muitas vezes forçados) de importação de sistemas de objetos e ações alhures. Nesta comunicação assimétrica, as diferentes culturas mudam a tônica de suas relações sociais e formam espaços e tempos fragmentados, híbridos, relativamente porosos e repletos de contradições tecnopolítico-sociais.

## Comoditização total da terra, do trabalho e do dinheiro

É interessante apontar que, à medida que a escolha afunila, a episteme econômica se torna cada vez mais alheia aos movimentos colonizadores e às desigualdades inerentes ao processo capitalista. Conforme Manfred Back e Luiz Gonzaga Belluzzo, “ao longo do século XIX, a economia adotou como paradigma a imponente construção da mecânica clássica e, como paradigma moral, o utilitarismo da filosofia radical do final do século XVIII” (Back; Belluzzo, 2025, n.p.).

Nesse mesmo período, ocorre o que Karl Polanyi (2023) identificou como uma mudança paradigmática: a constituição da economia como uma esfera autônoma da vida humana e social, regida por um mercado com supostas leis naturais. A partir dessa concepção, a sociedade passa a estar a serviço da economia.

Dessa inversão emerge a sociedade de mercado, que se configura, essencial e historicamente, como um projeto inacabado cujo objetivo é transformar tudo em mercadoria, em especial a terra, o trabalho e o dinheiro. Esses três elementos, que Polanyi (2023) denomina de “mercadorias fictícias”, não foram originalmente criados para serem mercantilizados. A tentativa contínua e conflituosa de tratá-los como tais esbarra, inevitavelmente, na resistência dos povos, na força dos territórios e na potência daquilo que chamamos de natureza.

As inferências de Karl Polanyi também evidenciam a importância de uma análise histórica e geográfica ao conferir uma perspectiva de excepcionalidade aos nossos tempos, desmistificando determinadas leis econômicas e crenças capitalistas frequentemente tratadas

como universais, naturais e atemporais. A etnografia, a história e a antropologia social permitem a geografição – isto é, a relativização espacial – dos sistemas de organização material de diferentes povos, questionando o caráter universal das interpretações econômicas e dos sistemas mercantis, bem como sua suposta centralidade na sociabilidade dos sujeitos (Postel; Sobel, 2025).

Como observam Nicolas Postel e Richard Sobel, professores de economia na Universidade de Lille:

Polanyi relativiza a experiência do capitalismo. Antes do capitalismo, coexistiram diferentes respostas sociais, coerentes com a ou as representação(ões) social(is) vigente(s): a economia doméstica (autarquia), a reciprocidade (para as sociedades de grupos simétricos em interação), a redistribuição (um órgão central, considerado legítimo, recupera o que foi produzido e o redistribui segundo critérios também considerados socialmente legítimos) e a troca (às “margens” da sociedade e de forma residual, os grupos trocam bens e serviços que permitem a diversificação dos alimentos segundo preços negociados entre si, de comum acordo). Essas formas econômicas coexistem por um período muito longo, durante milênios, e garantem a reprodução humana no longo prazo e de forma resiliente: sem danificar a natureza a ponto de ameaçar esse ciclo reprodutivo (Postel; Sobel, 2025, n.p.).

## 2ª CESURA: INDUSTRIALIZAÇÃO, REALISMO CAPITALISTA E A GRANDE ACELERAÇÃO

Esse caráter universal e supostamente natural do sistema econômico, atávico do paradigma cultural da sociedade de mercado, também é questionado por Mark Fisher, no que ele denomina *capitalist realism*. Ao buscar compreender a “vitória histórica” do capitalismo, Fisher a interpreta como a imposição de uma realidade que assume a aparência de uma “ordem natural”.

Assim, vemos que “esse imaginário limitado é o que garante que o capital possa se expandir em campo aberto já que nada parece poder colocar amarras em sua expansão, nem mesmo o apocalipse” (Bensusan, 2020, p. 88).

O afinilamento miltoniano das escolhas técnicas, combinado à perspectiva de Fisher, permite-nos transpor esse movimento de “fechamento” para os horizontes político, moral, cultural, cosmológico e imaginativo da sociedade ocidental.

É também a partir da metade do século XX que o moinho satânico dos mercados passa a acelerar de forma sem precedentes. Curiosamente, é nesse “fechamento da escolha”, mais ou menos depois da Segunda Guerra Mundial, que a sociedade ingressa na chamada Grande Aceleração que, conforme uma das definições reconhecidas pelo *International Geosphere-Biosphere Programme*, é o processo de intensificação do desenvolvimento social e econômico em escala global, responsável por uma crescente escassez de recursos naturais e pela grave depleção ambiental (IGBP, s.d.).

## Infância das máquinas, capital transversal e escatologia industrialista

Outro aspecto a se destacar na dimensão psicopolítica do capitalismo diz respeito às máquinas e seus arranjos na produção e organização da vida social como um todo, especialmente no contexto da formação de complexos industriais.

Polanyi (2023) aponta para uma articulação forjada no ímpeto da motivação exclusivamente voltada ao lucro entre máquinas, o seu modo de organização da produção, sua escala e ritmos; a noção de mercado autorregulável; e a necessidade de criar um sistema de monetização generalizada. Desta triangulação, surgem os contornos da sociedade industrial:

Não pretendemos afirmar que foi a máquina que causou esta mudança, mas insistimos que quando as máquinas complicadas e estabelecimentos fabris começaram a ser usados para a produção numa sociedade comercial, começou a tomar corpo a idéia de um mercado auto-regulável.

[...]

Uma vez que as máquinas complicadas são dispendiosas, elas só são rentáveis quando produzem grande quantidade de mercadoria. Elas só podem trabalhar sem prejuízo se a saída de mercadorias é razoavelmente garantida, e se a produção não precisar ser interrompida por falta das matérias-primas necessárias para alimentar as máquinas. Para o mercador isto significa que todos os fatores envolvidos têm que estar à venda, isto é, eles precisam estar disponíveis, nas quantidades necessárias, para quem quer que esteja em condições de pagar por eles. A menos que essa condição seja preenchida, a produção com a ajuda de máquinas especializadas tor-

na-se demasiado arriscada para ser empreendida, tanto do ponto de vista do mercador, que empata seu dinheiro, como da comunidade como um todo, que passa a depender de uma produção contínua para conseguir renda, emprego e provisões. Ora, numa sociedade agrícola tais condições não surgiram naturalmente - elas teriam que ser criadas [...]. A transformação implica uma mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias e estas, por sua vez, exigem que seja introduzido um meio de intercâmbio em cada articulação da vida industrial (Polanyi, 2023, p. 59-60).

O filósofo Hilan Bensusan (2020) amplia nossa relação com as máquinas por meio do conceito de capital transversal. O capital é descrito por ele como um agente desterritorializante que atravessa domínios diversos – econômico, psíquico, social, técnico, afetivo, geológico, sideral. Ele não é apenas um sistema econômico, mas um operador que desmancha significados, dissolve formas sociais existentes (como terras comunais, saberes locais, relações de vizinhança, práticas coletivas) e, em seguida, reterritorializa esses fluxos de maneira funcional à sua lógica de acumulação e expansão.

Bensusan (2020) faz uma provocação interessante por meio de uma fabulação que ele chama de “infância das máquinas”. Essa infância é pensada tanto em termos humanos quanto tecnológicos. Ele sugere que estamos vivendo um momento em que as máquinas (particularmente as digitais, inteligentes e informacionais) estão sendo nutridas, educadas, instruídas, tal como filhos ou descendentes. Essa metáfora da infância permite discutir o cuidado, o investimento afetivo,

intelectual e material que dedicamos a esses artefatos. Nas entrelinhas, podemos perceber que se trata de uma fábula sobre potencialidade e antropomorfização destes sistemas.

A “maquinização” ou industrialização carrega também um imaginário escatológico. Para Yuk Hui (2023), filósofo chinês, o “fim dos tempos” é uma ideia que atravessa o pensamento do homem moderno. Segundo Petronio (2021), a dualidade natureza-cultura está na raiz tanto das protologias (narrativas das origens) quanto das escatologias (narrativas do fim), como se fossem, respectivamente, adventos e réquiens da artificialização.

Voltando a Hui, a mecanização e a industrialização da produção (e de outros aspectos da vida) abriram uma cisão entre a sociedade mecanicista e a sociedade organicista. A partir da propaganda industrial, a sociedade transforma a cultura técnica das próteses (em que a tecnologia era vista como uma extensão das capacidades humanas) em uma **cultura de técnicas antropomorfizadas**, na qual as máquinas passam a ser concebidas como elementos concorrentes dos humanos (situação já intuída pelos ludistas?) (Hui, 2023).

A antropomorfização da tecnologia, para Hui, tornou-se, em alguns setores, sinônimo de progresso tecnológico. Ela pressupõe a substituição do humano por seres miméticos e maquínicos. Essa ideia de mimetização é herdeira da industrialização, pois segue o plano de substituir a mão de obra ao automatizar diferentes tarefas produtivas e, conseqüentemente, postos de trabalho – um pensamento mecanicista e linear. Hui exemplifica este processo com o caso mais atual do ChatGPT e outros *chatbots* de inteligência artificial (IA):

eles buscam dominar a semântica e a análise sintática, ameaçando setores da educação ao elaborar textos de forma mais satisfatória que os alunos e ao fornecer mais informações do que os professores. Junto com a crise climática, a “revolta dos robôs” é outra narrativa que evoca o fim dos tempos (Hui, 2023).

Para Gilbert Simondon, filósofo francês da técnica, a substituição das máquinas termodinâmicas pelas máquinas informacionais marca o deslocamento do humano do centro da produção (Simondon *apud* Hui, 2023). A máquina torna-se a organizadora da informação, o que provoca uma ruptura na identidade e na razão instrumental do ser humano. Na mesma linha, para Hui, tecnologias de IA como o ChatGPT atacam o *logos*, que até então era constitutivo da natureza humana, e provocam nas pessoas uma significativa perda de território existencial (Hui, 2023).

Hui (2023) também comenta que a liberação dos humanos do trabalho é um caminho problemático, pois, assim como Hannah Arendt, ele entende que essa liberdade pode se traduzir em consumismo (a irracionalidade da racionalidade econômica), pensamento também compartilhado por André Gorz. A liberação da força de trabalho humana não necessariamente nos libertaria do ciclo mortal produtivista-consumista.

A compreensão da problemática tecnológica, moldada pela propaganda industrial e consumista, e sua apropriação pelas populações resultam socialmente em um otimismo tecnológico (transumanismo e tecnossolucionismo) e, simultaneamente, em um pessimismo cultural (falta de sentido, propósito; colapso das democracias e da política) (Hui, 2023).

### 3ª CESURA: INFOSFERA, *BIG TECHS* E A LÓGICA OLIGOPOLÍTICA

O campo contemporâneo entre o otimismo tecnológico e o pessimismo cultural é inescapavelmente articulado pelas grandes companhias de tecnologia (as *Big Techs*) e suas plataformas globais de comunicação, as quais, por sua vez, se estruturam por meio de oligopólios (também válidos para analisar a concentração de dados nas etapas de coleta, armazenamento, sistematização e decisão, apesar da sua produção disseminada). Esse quadro é fundamental para entendermos as lógicas de governança e os movimentos no campo político. Nessa discussão, a propriedade, sistematização, manipulação e criação de dados e informações são cruciais.

A infosfera, como esta nova ‘topia’ do século XXI, é um espaço primordialmente público, mas que foi intensa e rapidamente apropriado pelas *big techs* através das plataformas. A infosfera é uma esfera maior que as plataformas. E o que se deve evitar é considerar as plataformas como a própria infosfera. A maneira como a territorialidade corporativa opera se traduz na subsunção de outras territorialidades. Portanto, há uma emergência de transportar as atividades dos sujeitos, grupos e Estados para além das plataformas das grandes corporações, cortando o ciclo de dependência (Rodrigues, 2021, p. 19).

Este é um cenário que tanto Cedric Durand quanto Yanis Varoufakis chamam de tecnofeudalismo: um novo regime de dependência e exploração criadas para nutrição e ampliação das “nuvens” de informação e *data centers* destas grandes corporações de comunicação (Durand, 2021; Varoufakis, 2025). Retornando ao conceito de meio técnico-científico-informacional, que

compõe o conteúdo do espaço geográfico contemporâneo, é importante analisar a estrutura de mercado e de poder das grandes companhias de tecnologia e as intenções de seus diretores executivos a respeito dos usos de diferentes frações territoriais ao redor do planeta.

Para Naomi Klein, jornalista e ativista, e Astra Taylor, documentarista, escritora e ativista, estamos enfrentando a ascensão de novos atores do poder global: os tecnobilionários. Segundo elas,

[...] esses indivíduos, ao restaurar e renomear antigas ambições e privilégios imperiais, sonham em influenciar governos para que permitam paraísos hipercapitalistas em suas nações. Esses paraísos, sob seu controle exclusivo, ficariam livres da democracia, protegidos por mercenários privados, atendidos por robôs de inteligência artificial e financiados por criptomoedas (Klein; Taylor, 2025, n.p.).

## **Singularidade tecnológica e TESCREAL: ficções tecnobilionárias**

**H**á quem vai além: o filósofo Émile Torres e a Cientista da computação Timnit Gebru criaram o acrônimo TESCREAL para mapear as ideologias que moldam as ideias e ações dos CEOs do mundo da tecnologia e inteligência artificial. TESCREAL reúne Transumanismo, Extropianismo, Singularitarianismo, Cosmismo, Racionalismo, Altruísmo Eficaz e Longo-prazismo. Eles sustentam que essas ideologias devem ser tratadas de forma interconectada, por compartilharem origens comuns e por se sobreporem em seus discursos e práticas (Gebru; Torres, 2024).

Algumas dessas matrizes de pensamento, das quais destaco certas observações feitas por Ronaldo Lemos (2023), elevam ao máximo os desejos de fechamento, unicidade, uniformização e até de eugenia, contaminando a cultura com o retorno de uma lógica política restrita a poucos, uma lógica de hordas e hierarquias incontestáveis.

Como forma de elucidar este quadro, considero o extropianismo que defende que a tecnologia seja usada para padronizar os valores humanos por meio de uma convergência tecnológica. Ou o singularitarianismo que pretende criar uma forma de inteligência externa que seja muito maior que a nossa (momento conhecido também como singularidade tecnológica) (Lemos, 2023).

Outras ideologias gravitam em campos moralmente perigosos e complexos, simpatizando com ideias eugênicas e industrialistas, no sentido de substituir os humanos por outros seres mais perenes, algorítmicos e “racionalistas”. Este é o caso do transumanismo e suas incursões de modificação do genoma humano, assim como o “racionalismo que conduz a um utilitarismo radical, desejando que a tecnologia suprima as deficiências morais humanas por meio de cálculos absolutos e universais” (Lemos, 2023, n.p.).

O “altruísmo efetivo (EA), por sua vez, prega que a melhor forma de alguém fazer o bem é enriquecer sem limites e, então, usar seu dinheiro para materializar sua ideia de bondade” (Lemos, 2023, n.p.). Ou seja, falsas narrativas marqueteiras de benevolência, praticamente uma fábula mercantil utilitarista que esconde processos agressivos de concentração de renda e desigualdade socioeconômica.

## Adendo: a dialética entre aspectos culturais da modernidade e da pós-modernidade

Essas análises me levaram ao quadro das “diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo” apresentado por David Harvey (1996) a partir do teórico literário Ihab Hassan.

Como provocação para o debate, defendo que nossos tempos são marcados por um recrudescimento de características constitutivas da modernidade (como cisão, violência, controle e unicidade técnica), mas também por uma articulação do seu oposto, isto é, das lógicas “pós-modernas”, que atuam no campo simbólico e cultural a favor ou não de projetos extremistas e reacionários/conservadores.

Figura 2 – Diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo

<i>modernismo</i>	<i>pós-modernismo</i>
romantismo/ simbolismo	parafísica/dadaísmo
forma (conjuntiva, fechada)	antiforma (disjuntiva, aberta)
propósito	jogo
projeto	acaso
hierarquia	anarquia
domínio/logos	exaustão/silêncio
objeto de arte/obra acabada	processo/ <i>performance</i> / <i>happening</i>
distância	participação
criação/totalização/ síntese	descrição/ desconstrução/antítese
presença	ausência
centração	dispersão

gênero/fronteira	texto/intertexto
semântica	retórica
paradigma	sintagma
hipotaxe	parataxe
metáfora	metonímia
seleção	combinação
raiz/profundidade	rizoma/superfície
interpretação/ leitura	contra a interpretação/ desleitura
significado	significante
<i>lisible</i> (legível)	<i>scriptible</i> (escrevível)
<i>narrativa/grande</i> <i>histoire</i>	antinarrativa/ <i>petite</i> <i>histoire</i>
código mestre	idioleto
sintoma	desejo
tipo	mutante
genital/fálico	polimorfo/andrógino
paranoia	esquizofrenia
origem/causa	diferença-diferença/ vestígio
Deus Pai	Espírito Santo
metafísica	ironia
determinação	indeterminação
transcendência	imanência

Fonte: Hassan (*apud* Harvey, 2014, p. 48).

Podemos analisar como alguns pares dialéticos se manifestam no campo político e cultural contemporâneo: Forma (conjuntiva e fechada) – Antiforma (disjuntiva, aberta); Domínio/*logos* – Exaustão e silêncio; Criação/totalização/síntese – Descrição/desconstrução/antítese; Centração – Dispersão; Gênero/fronteira – Texto/intertexto; Paradigma – Sintagma; Seleção – Combinação; Raiz/profundidade – Rizoma/superfície; Genital/fálico – Polimorfo/andrógino; Narrativa/

grande *histoire* (macro-história) – Antinarrativa/*petite histoire* (micro-história); Deus Pai – Espírito Santo (a figura do pai na psicanálise / a nostalgia do pai); Transcendência – Imanência.

Respostas a estes desafios? Impossível obtê-las neste espaço de reflexão, mas sabemos que há muitos movimentos importantes que buscam escapar desse campo de dominação simbólica e material. Todos, de certa forma, apontam para o **retorno do território**: economia Donut de Kate Raworth; economia circular, agroecologia, bancos e moedas sociais, saberes ancestrais indígenas; localidade, circularidade, regeneração, ciclicidade; decrescimento; convivialidade; cuidado; autonomia territorial; escalas de trabalho humanamente aceitáveis; renda básica universal; política dos comuns; entre outros.

Espero ter contribuído para a discussão por meio deste panorama, ciente de que todo mapeamento é, ao mesmo tempo, um recorte e que as lacunas aqui deixadas são, elas próprias, um convite à continuidade do debate.

## REFERÊNCIAS

BACK, Manfred; BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Para que servem os economistas? *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/651876-para-que-servem-os-economistas-artigo-de-manfred-back-e-luiz-gonzaga-belluzzo>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BENSUSAN, Hilan. O capital transversal e a seus rebentos atrativos – ou a infância das máquinas. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 88-109, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmt.br/index.php/rdtpps/article/view/11060>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BENSUSAN, Nurit. A dupla fratura da modernidade. *Quatro cinco um*, São Paulo, ed. 65, 01 jan. 2023. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/ciencias-sociais/a-dupla-fratura-da-modernidade/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

DURAND, Cédric. *Tecnofeudalismo: crítica de la economía digital*. Tradução de Víctor Goldstein. San Sebastián: Ediciones Kaxilda, 2021.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FELDMANN, Daniel. Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 23, n. 373, v. 23, 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/imagens/stories/cadernos/ideias/373caderno-sihuideias.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução de Letícia Mei. Prefácio de Angela Davis. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FIORI, José Luís. A propósito de uma construção interrompida. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 1-19, jun. 2000.

GEBRU, T., TORRES, Émile P. (2024). The TESCREAL bundle: Eugenics and the promise of utopia through artificial general intelligence. *First Monday*, 29(4). DOI: <https://doi.org/10.5210/fm.v29i4.13636>

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

HUI, Yuk. ChatGPT ou a escatologia das máquinas. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629726-chatgpt-ou-a-escatologia-das-maquinas-artigo-de-yuk-hui>. Acesso em: 14 abr. 2025.

IGBP. INTERNATIONAL GEOSPHERE-BIOSPHERE PROGRAMME. *The Great Acceleration*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.igbp.net/globalchange/greatacceleration.4.1b8ae20512db692f2a680001630.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

KLEIN, Naomi; TAYLOR, Astra. O fascismo do fim dos tempos – e o refúgio dos bilionários. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 14 maio 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/651881-o-fascismo-do-fim-dos-tempos-e-o-refugio-dos-bilionarios-artigo-de-naomi-klein-e-astra-taylor>. Acesso em: 20 maio 2025.

LEMOS, Ronaldo. *As ideologias da inteligência artificial*. Rio de Janeiro: ITS Rio, 29 nov. 2023. Disponível em: <https://itsrio.org/pt/artigos/as-ideologias-da-inteligencia-artificial-rascunho-automatico/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

MASSEY, Doreen. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. *Revista Discente Expressões Geográficas*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 142-155, 2007.

PETRONIO, Rodrigo. Gaia, Antropoceno e natureza: três conceitos para compreender a transição em curso. Entrevista especial com Rodrigo Petronio. [Entrevista concedida a Cristina Guerini]. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, São Leopoldo, 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/611609-gaia-antropoceno-e-natureza-tres-conceitos-para-compreender-a-transicao-em-curso-entrevista-especial-com-rodrigo-petronio>. Acesso em: 20 maio 2025.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Tradução de Fanny Wrobel. [S. l.]: [s. n.], [2023]. Disponível em: [https://lburlamaqui.com.br/wp-content/uploads/2023/03/06\\_Polanyi-A\\_grande\\_transformacao.pdf](https://lburlamaqui.com.br/wp-content/uploads/2023/03/06_Polanyi-A_grande_transformacao.pdf). Acesso em: 22 mar. 2025.

POSTEL, Nicolas; SOBEL, Richard. Karl Polanyi: “O atual colapso da biodiversidade, da qualidade dos laços sociais e dos nossos regimes políticos é o efeito direto da remercantilização” [Entrevista]. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 20 maio 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/652311-karl-polanyi-o-atual-colapso-da-biodiversidade-da-qualidade-dos-lacos-sociais-e-dos-nossos-regimes-politicos-e-o-efeito-direto-da-remercantilizacao-entrevista-com-nicolas-postel-e-richard-sobel>. Acesso em: 10 maio 2025.

RODRIGUES, Guilherme Tenher. Reflexões sobre os conceitos de território e territorialidade: do território nacional à territorialidade corporativa das *big techs*. In: Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78035>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, ano 19, n. 314, p. 1-26, 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/314cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2004.

VAROUFAKIS, Yanis. *Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo*. Campinas: Crítica, 2025.

## Guilherme Tenher Rodrigues



**G**uilherme Tenher Rodrigues. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na área de Análise Territorial. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Foi pesquisador no programa Observasinos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 2018 e 2019 e bolsista de Iniciação Científica do CNPq no mesmo período. Integra a equipe do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

### ARTIGOS DE GUILHERME TENHER RODRIGUES REPRODUZIDOS PELO IHU

- Aprecensão, sensibilidade e propósito: a polícrise e o mundo porvir
- Economia de Francisco: notas sobre o evento
- Como jardins são domados. A Modernidade como a ação entre a violência e a indiferença
- Sete pontos para uma renovação urgente da economia política contemporânea
- “A dimensão espacial recebeu pouca atenção na teoria econômica, o que tem consequências ecológicas”. As cesuras técnico-científico-informacionais



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring  
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ïkue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella

- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher

 UNISINOS